

do desconhecido que não conseguimos remover e que são muito diversos da estrutura geral do universo.

A ciência, que não gosta deste tipo de coisas, procura eliminá-las. Geralmente, tem excelentes razões para isso. Afirma:

“Não é possível que caíam pedras do céu porque não existem pedras no céu”.

Isto não impede a queda dos meteoritos.

O telefone pode tocar na Delegacia de Polícia tanto para comunicar um assassinato, uma chantagem ou um rapto, como para anunciar uma possessão demoníaca, uma feitiçaria ou um fenômeno de manifestação de espíritos através de ruídos.

No laboratório, o inexplicável pode se manifestar tanto quanto o conhecido. Os mesmos instrumentos servem para detectar partículas bem identificadas, algumas das quais, aliás, são fabricadas em nossos próprios instrumentos, assim como acontecimentos cósmicos excepcionais, que talvez sejam partículas provenientes de uma outra galáxia de estrelas que atravessaram milhões de anos-luz, talvez, até, astronaves estrangeiras viajando a uma velocidade próxima à da luz que se contraíram até atingir a dimensão de uma partícula.

Todos os dias, cientistas oficiais, das ciências exatas e naturais, trazem-me experiências impublisháveis, porque contrariam todas as leis conhecidas.

Nas ciências de observação, como a astronomia ou a etnologia, o pudim é extremamente rico em fragmentos que contêm o desconhecido e que não podemos eliminar. Como diz o escritor americano Robert Bloch:

“Um saber assustador é, repentinamente, revelado a uma pessoa em um milhão”.

Tudo isto pode ser constatado posteriormente em documentos de circulação limitada, em brochuras obscuras, em conversas que são mantidas nos corredores, durante congressos científicos, e que são, quase sempre, mais apaixonantes do que os próprios congressos.

Estes fragmentos do desconhecido, inseridos na nossa realidade, são evidentemente desconcertantes. Dois reputados cientistas emitiram as opiniões a seguir transcritas. O biólogo inglês J. B. S. Haldane escreveu:

“O universo não só é mais estranho do que o imaginamos, como também é mais estranho do que tudo quanto possamos imaginar.”

E Arthur C. Clarke, o inventor dos satélites artificiais, prêmio Kalinga de divulgação científica, escreveu:

“Uma ciência superior à nossa deve, necessariamente, aparecer a nossos olhos como uma magia.”

Encontra-se comumente nas publicações científicas comunicações puramente mágicas que os autores conseguiram fazer passar bem debaixo dos narizes das respeitáveis comissões encarregadas de vigiar todas as publicações.

Também encontramos, nos relatórios das doulas academias de ciências e nas revistas científicas, um cientista que cria ratos telepatas, um que mostra a possibilidade de viajar fisicamente pelo tempo, outro cujos pacientes hipnotizados lhe revelam o futuro, e muitas outras riquezas.

Claro que não leio tudo. Todavia, tenho correspondentes espalhados por todo o mundo que me mandam algumas referências das quais mando tirar fotocópias. A mais séria pesquisa científica é um pudim mágico e a realidade cotidiana o é muito mais. Basta fazer uma seleção. Mas afinal, você acredita em tudo? é o que me perguntarão.